



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

A Diversidade em Sala de Aula: Um desafio sempre Atual

VANJA MARA BARBOSA DA SILVA

Buritis, MG

Junho/ 2015

VANJA MARA BARBOSA DA SILVA

A Diversidade em Sala de Aula: Um desafio sempre Atual

Monografia apresentada à Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientadores:

(Professor/a Orientador/a)

Profa: Dra. Viviane Cristina Vieira

(Professor/a Tutor/a)

Prof. Me. Alessandro Borges Tatagiba

Buritis/MG

Junho/2015.

TERMO DE APROVAÇÃO

VANJA MARA BARBOSA DA SILVA

A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA:UM DESAFIO SEMPRE ATUAL

Banca examinadora do trabalho de conclusão de curso apresentado a **Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília** como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Nome Completo

Titulação

Nome Completo

Titulação

Nome Completo

Titulação

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar oportunidade de vivenciar este momento muito importante em minha vida.

A todos os Professores de todos os períodos do curso, aos Tutores presenciais e a distância. A todos os colegas de sala. A minha família por todo o apoio, sem os quais não alcançaria meus objetivos.

EPÍGRAFE

O ambiente escolar é um local que exerce influência intelectual e cidadã sobre um indivíduo, vindo a afetar a formação da identidade dos alunos. Identidade a qual é definida pelos comportamentos, atitudes e costumes de um indivíduo e se modifica com a convivência entre sujeitos, ou seja, se constrói tendo o *Outro* como referência.

Nilma Lino Gomes

RESUMO

Este trabalho, intitulado “A Diversidade em Sala de Aula: um desafio sempre atual”, com resultados e esclarecimentos de documentos vem a encontro do que pode ser feito, não para uma sala de aula específica, mas, escolas que de uma forma pedagógica demonstre aos alunos, a sociedade, a comunidade a ser inserido no cotidiano o respeito pelas diferenças. Neste trabalho, o respeito à diversidade nas escolhas ultrapassa esse desafio do acesso, para relacioná-lo ao problema da permanência. Claro que a escola não ensina tudo e, sobretudo nem é possível. Essa dimensão educativa pode propiciar ao aluno o desenvolvimento de convivência e vivencie valores como solidariedade, democracia e permite o aprendizado de respeito ao outro e reconhecer as diferenças. Com base nessa questão, a pesquisa realizada teve como objetivo vivenciar processos de construção de ações que possibilitem valores como solidariedade, democracia, respeito, a escola pode ensinar a perceber as diferenças à diversidade. Concretizar essa intenção exigirá que os valores eleitos e a intenção de ensiná-los sejam explicitados para todos, principalmente para os alunos, e que o trabalho pedagógico inclua a possibilidade de discussão e questionamento e a não ocultação de contradições, conflitos e confrontos. Isso significa valorizar positivamente a capacidade de questionar e propor mudanças, buscando construir situações didáticas que potencializem tal capacidade e possibilitem o aprendizado de modo a utilizá-lo de forma conseqüente, responsável e eficaz. Como exemplos têm-se experiências educativas de construção coletiva de regras de convívio escolar, de discussão coletiva de situações-problema na classe e na escola, de projetos de intervenção no espaço escolar e extra-escolar que podem ser adaptadas aos níveis de escolaridade de acordo com a possibilidade dos alunos. A metodologia de abordagem qualitativa utilizou procedimentos de análise documental. Analisou os textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Palavras-chave: Diversidade – Alunos – Educação

ABSTRACT

This work, entitled "Diversity in the Classroom: an ever-present challenge", with results and document clarification comes the encounter of what can be done, not for a specific classroom, but schools that demonstrate a pedagogical way students, society, community to be inserted in respect for differences every day. In this work, the respect for diversity in choices beyond the challenge of access to relate it to the problem of permanence. Of course, the school does not teach everything, and above all is not possible. This educational dimension can provide students with the development of coexistence and experience values such as solidarity, democracy and allows the learning respect for others and recognize the differences. Based on this question, the survey aimed to share experience building processes that enable values such as solidarity, democracy, respect, schools can teach to understand the differences to diversity.

Realizing this intention will require elected and values intended to teach them to be explained to everyone, especially to the students, and the educational work includes the possibility of discussion and questioning and not hiding contradictions, conflicts and confrontations. This means positively value the ability to question and propose changes, seeking to build didactic situations that enhance this capability and enable learning in order to use it consequential, responsibly and effectively. Examples have been educational experiences of collective construction rules of school life, collective discussion of problem situations in class and in school, intervention projects at school and out of school that can be adapted to educational attainment according with the possibility of students. The qualitative approach methodology used document analysis procedures. Analyzed the texts of the National Curriculum Guidelines.

Keywords: Diversity - Students - Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Diferença de escolaridade.....	24
Gráfico 2: Distribuição dos brasileiros de 15 a 24 anos de idade que frequentavam a escola por cor ou raça segundo o nível de ensino (em %).....	27
Gráfico 3: Distribuição por grau de escolaridade (2011).....	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos estudantes segundo etnia e gênero.....	23
Tabela 2: Nível de escolaridade da população de 18 a 24 anos segundo a raça/cor. Brasil 2003.....	25
Tabela 3: Indicadores educacionais selecionados por população de 18 a 24 anos de idade. Brasil.....	25
Tabela 4: Grau de escolaridade do IBGE.....	28
Tabela 5: Tabela comparativa de dados.....	29

LISTA DE SIGLAS

PCN- Parâmetros Curriculares Nacional

CBC- Conteúdo Básico Comum

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

IBGE- Instituto Nacional de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Contextualização.....	12
1.2	Delimitação do problema.....	12
1.3	Declaração dos objetivos.....	13
1.4	Objetivos Específicos.....	13
1.5	Justificativa.....	13
2	APORTE TEÓRICO.....	14
2.1	Educações das Relações Étnico-Raciais.....	14
2.2	Educação e a Diversidade Étnico Cultural.....	17
	a que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas.....	17
2.3	Reflexões sobre o aporte teórico.....	18
3	CAMINHOS DE PESQUISA E PRESSUPOSTOS ÉTICOS.....	20
4	ANÁLISE DE DADOS.....	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS	
	BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de estudo tem como Título *A diversidade em sala de aula: Um desafio sempre atual*, um tema que considera a diversidade em sala de aula implica incluir explicitamente o ensino de valores e o desenvolvimento de atitudes no trabalho escolar, não significa, portanto, tomar como alvo, como instrumento e como medida da ação pedagógica o controle de comportamento dos alunos, mas sim intervir de forma permanente e sistemática no desenvolvimento das atitudes. Apesar de ser um trabalho complexo, é necessário acompanhar de forma cuidadosa o processo dos alunos para compreender suas práticas no contexto amplo do desenvolvimento moral e social.

1.1 Contextualização

Convivemos com as diferenças todos os dias, por maiores que sejam as influências externas a escola mantém esse importante papel para as transformações sociais e o surgimento de novos conceitos relacionais que exigirão diálogo constante, capacidade de adaptação e permanente revisão de crenças. Contudo, não existem formulas prontas e cada situação é um desafio único.

1.2 Delimitação do problema

A escola não pode mudar a sociedade, mas, na construção de projetos pedagógicos pode direcionar para que a diversidade seja vista com naturalidade e na prática assumem princípios de democracia para promover um ambiente de transformação nas relações

educativas e ensinar que a diversidade em sala de aula existe, mas que possa ajudar os alunos a posicionar e superar as diversidades.

1.3 Declaração dos objetivos

O objetivo geral desse trabalho é refletir sobre as maneiras como os documentos oficiais que abordam desafio de educar e orientar as diversidades culturais e aprender que as diferenças de fato existem, temos apenas que aceitá-las na escola.

1.4 Objetivos Específicos

- Analisar a orientação educacional, que podem servir de mediadores para professores trabalharem a diversidade cultural e étnica em sala de aula.
- Identificar em documentos oficiais a orientação educacional em relação à aceitação das diferenças culturais e étnicas.
- Comparar a política de promoção da igualdade com a política de respeito à diversidade cultural e étnica.

1.5 Justificativa

Reconhecer que os tempos são outros, saber distinguir o essencial uma possibilidade e um direito de todos. É difícil mudar estruturas, hábitos e formas estabelecidas, mesmo que não façam sentido. Essa pesquisa é para aqueles que acreditam que a ação educativa só será possível quando for desenvolvida com a criticidade que só a escola possa fazer a diferença a essa adversidade

2 APORTE TEÓRICO

Este capítulo apresenta os referenciais teóricos à diversidade cultural e étnica na educação.

2.1 Educações das Relações Étnico-Raciais

As diferenças étnico-raciais existem em sala de aula e na sociedade. Ao levar essa temática em conta, a escola, a comunidade e a sociedade devem conscientizar que devemos tratar indivíduos com direitos universais e com suas características individuais. Segundo Gomes (2003), refletir sobre a escola e a diversidade cultural significa reconhecer as diferenças, respeitá-las, aceitá-las e colocá-las na pauta das nossas reivindicações, no cerne do processo educativo. E o reconhecimento das diferenças não é algo fácil e romântico. Nem sempre o diferente nos encanta. Muitas vezes ele nos assusta nos desafia, nos faz olhar para a nossa própria história, nos leva a passar em revista as nossas ações, opções políticas e individuais e os nossos valores. Reconhecer as diferenças implica em romper com preconceitos, em superar as velhas opiniões formadas sem reflexão, sem o menor contato com a realidade do outro. Infelizmente, muitas vezes, encontramos entre os/as educadores/as opiniões do tipo "não vi e não gostei". Será que essa postura cabe ao/a educador/a? .

Essas afirmações não significam que estou defendendo uma total desorganização e que não existe nada que nos assemelha. Os homens e as mulheres, sem exceção, possuem aproximações e distanciamentos. Aproximam-se no que se refere ao uso da linguagem, a adoção de técnicas, à produção artística e criativa, à construção de crenças, à necessidade de estabelecer uma organização social e política, à elaboração de regras e sanções. Todavia, essas aproximações ou semelhanças se dão das maneiras mais diversas, pois não são as mesmas para todo grupo social. A existência de semelhanças, de valores universais e de pontos comuns que aproximam os diferentes grupos humanos não pode conduzir a uma interpretação da experiência humana como algo invariável. O acontecer humano se faz múltiplo, mutável,

imprevisível, fragmentado. Essa é uma discussão sobre a diversidade cultural que precisa estar presente na escola.

A escola possui a vantagem de ser uma das instituições sociais em que é possível o encontro das diferentes presenças. Ela é também um espaço sócio cultural marcado por símbolos, rituais, crenças, culturas e valores diversos. Essas possibilidades do espaço educativo escolar precisam ser vistas na sua riqueza, no seu fascínio. Sendo assim, a questão da diversidade cultural na escola deveria ser vista no que de mais fascinante ela proporciona às relações humanas. Nós, profissionais da educação, somos profissionais da cultura e não de um padrão único de aluno, de currículo, de conteúdo, de práticas pedagógicas, de atividades escolares. Somos diferentes em raça/etnia, nacionalidade, sexo, idade, gênero, crenças, classe. Tudo isso está presente na relação professor/aluno/a e entre os próprios educadores/as. Nesse sentido, a reflexão sobre a diversidade cultural nos conduz a um repensar do papel do professor/a.

A originalidade de cada cultura reside na maneira particular como os grupos sociais resolvem os seus problemas ao mesmo tempo em que se aproximam de valores que são comuns a todos os homens e a todas as mulheres. Porém, o fato de possuímos valores comuns não nos torna idênticos, pois continuamos a ter uma maneira própria de agrupar e excluir diferentes elementos culturais. Cada construção cultural e social possui uma dinâmica própria, escolhas diferentes e múltiplos caminhos a serem trilhados.

Descobrir os motivos dessas escolhas, entendê-los, analisá-los à luz de uma reflexão colada aos processos históricos e sociais da humanidade deveria ser uma das tarefas da escola e do educador/a. O trato pedagógico da diversidade é algo complexo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) 1997, p.23, ao propor uma educação comprometida com a cidadania, elegeram, baseados no texto constitucional, princípios para orientar a educação escolar, a saber:

- **Dignidade da pessoa humana**
Implica respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas.
- **Igualdade de direitos**
Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, etc.)

e desigualdades (socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada

- **Participação:** *Como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas, etc.*
- **Co-responsabilidade pela vida social**
Implica partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e a ampliação da democracia no Brasil.
(BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação- p. 21.)

Além disso, ocorre que a identidade da criança está, continuamente, em construção, podendo ser afetada por nosso meio social, ou seja, é formada ao longo do tempo e não algo inato, existente na consciência desde o momento do nascimento. Assim, ela permanece sempre incompleta, está sempre sendo formada, numa interação entre o eu e a sociedade e modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Os docentes precisam capacitar para poder lidar com as diferenças, com as discriminações sociais no ambiente escolar. Com essas diversidades temos que fortalecer conceito que possa repercutir contra qualquer tipo de discriminação racial, preconceituosa e que possibilite um tipo de orientação consensual. Segundo Gomes:

O ambiente escolar é um local que exerce influência intelectual e cidadã sobre um indivíduo, vindo a afetar a formação da identidade dos alunos. Identidade a qual é definida pelos comportamentos, atitudes e costumes de um indivíduo e se modifica com a convivência entre sujeitos, ou seja, se constrói tendo o Outro como referência (GOMES, 1996), no entanto, podemos observar que não é bem assim que as coisas funcionam, pois somos integrantes de um modelo econômico capitalista que estimula a competitividade e o acúmulo de bens materiais. Logo, somos movidos pelo desejo de sermos sempre melhor do que o outro, o que nos leva a obcecação de que devemos nos posicionar em um patamar sempre acima do outro indivíduo. (GOMES, 1996)

Por isso, passamos a defender a nossa cultura, crenças, costumes tradições como o padrão a ser seguido, sem reconhecer a importância das demais culturas, vivenciando assim a prática do etnocentrismo. Livro de Conteúdo Gênero e Diversidade na Escola (2009, p. 24)

“O etnocentrismo consiste em julgar, a partir de padrões cultural próprios, como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, normal” ou “anormal” os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos, desqualificando suas práticas e até negando sua humanidade. (Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009)

Nessa perspectiva, para que se reverta esse quadro de discriminação e preconceito que está agregado na sociedade brasileira, se faz necessário que a sociedade civil manifeste o desejo de mudança. Para isso, a população deve reivindicar de forma organizada para que o nosso país seja mesmo o da diversidade, e faça isso valer, para que todos os nossos cidadãos e cidadãs respeitem a diferença e tenham direitos iguais, independentemente da região geográfica, situação econômica, gênero, cor da pele, etnia a qual pertença, etc.

Dessa forma, o ambiente escolar é um lugar que se concentra muitos jovens em processo de formação de identidade. Portanto, a escola é um local propício para que possamos diminuir a discriminação e as diversas formas de preconceito. O professor é o colaborador e formador de opiniões, então ele será capaz de influenciar o aluno a formar conceitos que possa ser um ambiente da promoção de igualdade social, respeito à diversidade ético-raciais e transformar a sala de aula, a escola e a comunidade num ambiente sem preconceitos.

2.2 Educação e a Diversidade Étnico Cultural

De acordo com os PCN (1997), o tema Pluralidade Cultural oferece aos alunos oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua auto-estimar como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar, possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar — e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas.

Essa auto percepção mais elaborada coopera para o fortalecimento da auto-estima, abrindo-se assim para o diálogo com o Outro, para o trabalho de composição de memórias, identidades e projetos coletivos — de sua família, de seu grupo étnico, de seu bairro, de sua turma, de sua cidade, de seu estado, de sua região, de seu País. (BRASIL, 1997, p. 23).

O cotidiano oferece muitas manifestações que permitem o trabalho sobre pluralidade: os fatos da comunidade ou comunidades do entorno escolar, questões típicas de adolescência e juventude, as notícias de jornal, rádio e TV, programas e suplementos destinados a essa faixa etária específica, as festas locais. Além disso, a prática de intercâmbio entre escolas, de diferentes regiões do Brasil e de diferentes municípios de um mesmo estado, e a consulta a órgãos comunitários e de imprensa, inclusive na própria comunidade, são instrumentos pedagógicos privilegiados a serviço da formação de crianças e adolescentes. (Brasil, 1997).

2.3 Reflexões sobre o aporte teórico

O capítulo apresentou considerações e reflexões teóricas sobre a diversidade na educação. A literatura aqui relacionada pode contribuir para a pesquisa em questão. Os autores destacados neste capítulo evidenciaram uma abordagem bem concisa sobre as possibilidades de focalizar e abordar o tema da diversidade na educação. As referências enriqueceram o nosso olhar sobre o tema exposto. Nesse sentido, entendo que a escola deve fazer um trabalho sobre a diversidade para evitar qualquer forma de exclusão, preconceito ou até mesmo injustiça. O professor, nesse contexto, possui um papel fundamental, pois é formador de opiniões e pode levar os alunos a formar conceitos e valores relacionados à igualdade social, respeito à diversidade étnico-racial.

Em suma, o professor pode até ser um agente da transformação da sala de aula, da escola e da sociedade com vistas à construção de um ambiente de respeito mútuo. Esse tema necessita, portanto que a escola, como instituição voltada para a constituição de sujeitos sociais e ao afirmar um compromisso com a cidadania, coloque em análise suas relações, suas práticas, as informações e os valores que veicula. Portanto, por meio da educação para a valorização da diversidade pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras.

3 CAMINHOS DE PESQUISA E PRESSUPOSTOS ÉTICOS

Os procedimentos realizados foram coletar dados, organizar e dividir em tópicos de análises; realizar análises finais; escrever conclusão sobre as análises.

Para começar a analisar esses documentos da pesquisa, achei por bem compartilhar aos leitores que por vir a ler esta análise possa interar-se sobre “Conhecimentos Jurídicos que contém no PCNs-Pluralidade -1ª. Parte-Âmbito da Escola. (p 129 (geral) e p.15/52) e PCNs - Temas Transversais-Terceiro e Quarto ciclo do Ensino Fundamental - Explicitada no contexto dramático do pós-guerra, a Declaração Universal dos Direitos Humanos surgiu como a ponte entre o medo e a esperança. Uma ponte apenas projetada ali. Seria preciso construí-la. Os direitos humanos assumiram, gradativamente, a importância de tema global.

Assim como a preservação do meio ambiente, os Direitos Humanos colocam-se como assunto de interesse de toda a humanidade. A ONU, preocupada com a conquista da paz mundial, promoveu conferências que buscavam um programa de consenso para orientar os países e os indivíduos quanto à questão dos direitos humanos. A Conferência de Viena de 1993, de cuja declaração o Brasil é signatário, reafirmou a universalidade dos direitos humanos e apresentou as condições necessárias para os estados promoverem, controlarem e garantirem tais direitos.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 é uma das mais avançadas quanto aos temas do respeito à diferença e do combate à discriminação. O Brasil teve, por outro lado, participação ativa nas reuniões mundiais sobre os direitos humanos e sobre minorias. Aqui não se trata, é claro, de exigir conhecimentos próprios do especialista em Direito, mas de saber como se define basicamente a cidadania.

Não se trata, é claro, de mostrar um Brasil perfeito e irreal, mas as possibilidades que se abrem com trabalho, embates e entendimentos, mediante a colocação em prática de instrumentos jurídicos já disponíveis. (PCNs, p. 130-Pluralidade Cultural)

Este trabalho pesquisa fontes em documentos oficiais e sobre as diferenças em sala de aula e a relação entre escola, aluno e professor no que discerne as diferenças. O primeiro procedimento sobre minha pesquisa foi decidir quais documentos, livros revista ou jornais contribuiria explicitamente para o assunto em questão.

A fonte escolhida foram os PCNs, Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) consistem em documentos elaborados pelo Ministério da Educação Brasileiro com intuito de orientar o trabalho das escolas e dos professores do ensino fundamental (séries iniciais e finais) e do ensino médio, a escrita dos documentos pode fornecer textos e conteúdos condizentes à incorporação de valores, postura social adequada para requerer mudanças nos diversos discursos, raciocínios, lógicas, gestos e posturas, modo de tratar as diferenças. Outro documento que veio de encontro à proposta dos PCNs para Minas Gerais foi o CBC, foi fundamental para sugestões didáticas para os professores na organização do trabalho docente.

Ele é para estabelecer os conhecimentos, as habilidades e competências a serem adquiridos pelos alunos na educação básica, bem como as metas a serem alcançadas pelo professor a cada ano, é uma condição indispensável para o sucesso de todo sistema escolar que pretenda oferecer serviços educacionais de qualidade à população. A definição dos conteúdos básicos comuns (CBC) para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio constitui um passo importante no sentido de tornar a rede estadual de ensino de Minas num sistema de alto desempenho. (CBC- História-Ensino Fund. e. Médio, p.9)

“Os Parâmetros Curriculares Nacionais, propostos pelo MEC, orientam os currículos CBC-MG (PROPOSTA CURRICULAR) em geral, e o de História, em particular, para construção de uma nova concepção de cidadania. Este documento propõe rupturas com uma história centrada na formação de um determinado tipo de representação de nacionalidade, assim como numa história centrada na cultura branca européia. A diversidade cultural e sua importância para o avanço da cidadania no Brasil se constituem na idéia central para a formação das identidades das novas gerações e das finalidades do ensino da História. Esta perspectiva sintoniza-se com o que tem animado as atuais produções historiográficas e as muitas das inovações no ensino de História, no Brasil e no mundo ocidental”. (CBC-hist. p.12)

4 ANÁLISE DE DADOS

Os textos analisados são de grande importância para as escolas, órgãos que querem diferenciar e tomar decisões. As propostas dos PCNs estabelecem e propõem mudanças, e possam orientá-las na vida pessoal, escolar e comunidade do aluno. A educação é um meio de espaço público onde procura ações sociais como, liberdade, dignidade e interação social. A sala de aula é um espaço democrático, cabe ao educador organizar, e realizar ações criativas para minimizar as diferenças que são tantas. Dados comprovam que o Brasil é um País das diferenças e preconceitos.

O Brasil é país uma mistura cultural, originários de diferentes diversidades. Os docentes têm um grande desafio na sala de aula que é mudar a mentalidade dos alunos, nela eles convivem com crenças e níveis culturais acerca das diversidades. A escolaridade entre os negros e pardos são baixas, contudo cabe a sociedade e a todo o órgão da educação a estabelecer discussões em prol de questões sociais. As escolas tem que mudar não só preconceitos a cor ,mas todo e qualquer tipo de preconceito. Para isso é preciso muito esclarecimento e pesquisa.

Segundo Feldmann (2010), a década de 1990 trouxe um importante debate para a educação brasileira, debate esse que introduziu, por um lado, o tema do respeito às diferenças, das contribuições culturais, étnicas, raciais, assim como a luta contra o racismo e todo tipo de intolerância. Por outro, devido ao fato de ser produzido em grande medida por influência de idéias pós-modernas de cunho conservador, esse debate acabou por negar importantes referenciais teóricos, que ajudam a entender as relações sociais, políticas e econômicas responsáveis pela discriminação, pelas desigualdades e pela exclusão.

Com essa orientação, grande parte da produção teórica em educação esvaziou de conteúdos essenciais de análise, abriu mão das categorias de análise política e econômica e, como teoria, deixou de apontar o papel político da educação na construção histórica de uma sociedade mais igualitária, menos excludente e mais democrática no sentido amplo do termo.

O objetivo foi atingido, é fazer que maiores números de educadores possa conscientizar-se que com novos objetivos e novas pessoas possam criar situações que de alguma forma possam intervir no que já existe. Dessa maneira o olhar para a realidade dentro da sala de aula com as diferenças acaba enriquecido. Para mostrar em sua totalidade, teria que, aprofundar-se em entrevistas e participação em projetos dentro da comunidade “escola”.

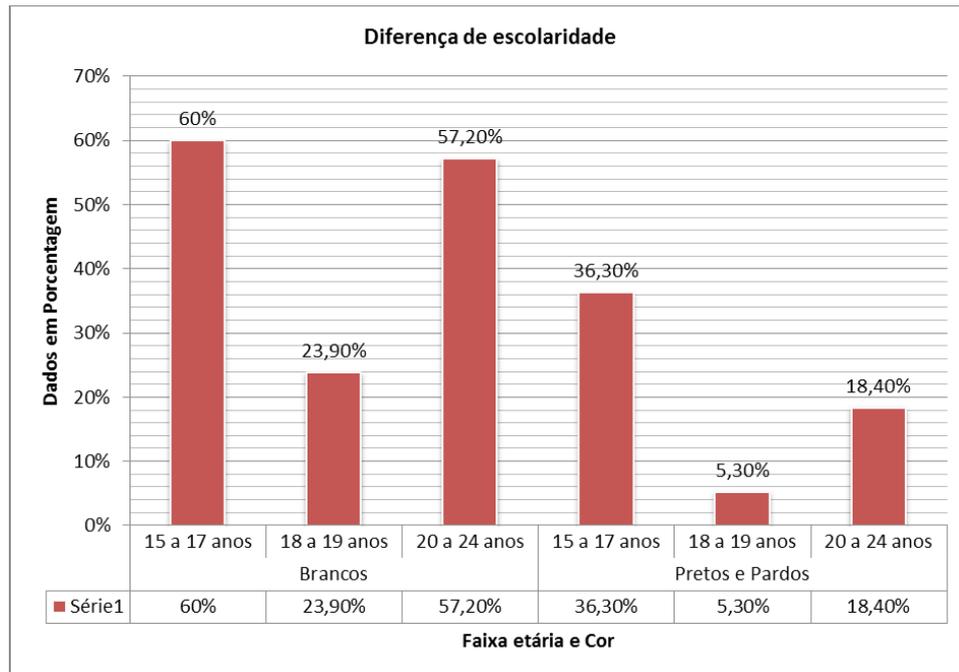
O tema traz em pauta um assunto muito complexo e mensurável, e as diferenças existem por que somos diferentes no pensar, no agir e no convívio.

Com esta pesquisa procurei mostrar como podemos reforçar o diálogo para tentar criar um discurso estético, eficaz e forte, diante de todo o panorama e procurando buscar pontos de sustentabilidade de como fazer a diferença. Trata-se de como os educadores, a escola convivem com as diferenças, e como saná-las no convívio diário em sala de aula. Na verdade é uma tentativa de intervenção na maneira de buscar uma solução do problema. Diante de tal complexidade os PCNs trás ótimas soluções nas tentativas para solucionar no que diz respeito às diferenças, e sob qualquer pretexto fazer que o posicionamento do professor ao abordar o assunto estabeleça e desdobra as relações em sala de aula num convívio harmonioso.

A escola precisa ter consciência da diversidade e observar os direitos de seus alunos. Se não tem consciência das diferenças faz com que perdurem a discriminação.

Tabela 3. Distribuição dos estudantes segundo etnia e gênero

Etnia	Gênero		% Total
	Masculino	Feminino	
Branco/a	57.268	80.788	65,1
Negro/a	5.388	7.747	6,2
Pardo/a, Mulato/a	21.059	33.634	25,8
Amarelo/a (de origem oriental)	1.749	2.104	1,8
Indígena ou de origem indígena	993	1.372	1,1
Total	86.457	125.645	100,0



Fonte: PNAD 2010

Embora a negação de reconhecer a complexidade de inclusão de Negros e Pardos, essas tabelas vem afirmar que em nosso país as diferenças são reais. A formação social é complexa. Cabe aos educadores e educadoras o compromisso de fazer acontecer na autonomia pedagógica, no crescimento dos alunos e na liberdade educativa na situação dentro da sala de aula. Assim haverá menos racismos e discriminação a várias situações em sala de aula, contudo menos evasão escolar, menos constrangimentos e conflitos.

Os dados encontrados mostram que caminhos foram mudados para novas situações no discurso cultural. Assim sendo há um leve avanço na parte da autonomia do professor. Mas na totalidade há ainda muito por fazer.

Não há uma nova hipótese a partir dessa pesquisa, pois o problema étnico cultural da sociedade tem perdurado em nossa história apesar de todos dizerem não a sua identidade pelos sistemas educacionais.

TABELA 2
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO DE 18 A 24 ANOS
SEGUNDO A RAÇA/COR
BRASIL, 2003

Níveis de escolaridade	Raça/Cor		Total
	Branços	Não-branços	
Não concluiu o EF	23%	44%	34%
Concluiu EF	25%	27%	26%
Concluiu o EM	31%	23%	27%
Acesso ao ES	21%	5%	13%
Total	11.665.295	11.267.262	22.932.557

Fonte: PNAD 2003.

Cresce acesso à educação, mas desigualdade racial ainda é grande

Os dados, obtidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) entre 2002 e 2012, revelam ainda outras situações de desigualdade no campo do trabalho e da educação. A proporção de jovens de 18 a 24 anos no ensino superior passou de 9,8% para 15,1% em dez anos. Mas, enquanto 66,6% do total de estudantes brancos nessa faixa etária frequentavam o ensino superior, só 37,4% dos estudantes pretos ou pardos cursavam o mesmo nível.

Indicadores educacionais selecionados para a população de 18 a 24 anos de idade – Brasil

Indicadores selecionados	2002	2012
Proporção no ensino superior	9,8%	15,1%
Proporção de estudantes no ensino superior (1)	29,2%	52,1%
Proporção de estudantes brancos no ensino superior (1)	43,4%	66,6%
Proporção de estudantes pretos ou pardos no ensino superior (1)	12,2%	37,4%
Média de anos de estudos	8,1	9,6
Taxa de abandono escolar precoce	41,1%	32,3%

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2002/2012. Nota: (1) Inclui mestrado e doutorado

A escolaridade média da população de 25 anos ou mais de idade aumentou de 2002 a 2012, passando de 6,1 para 7,6 anos de estudo completos, sendo que 40,1% das pessoas dessa faixa etária alcançaram 11 anos de estudo ou mais. O aumento da escolaridade foi mais intenso para os 20% “mais pobres”, cujo crescimento foi de 58%, enquanto os 20% “mais ricos” apresentaram uma elevação de 10% na média de anos de estudo entre 2002 e 2012.

(<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/quanto-maior-grau-escolaridade-maior-diferenca-salarial-homens-mulheres-diz-relatorio-ibge-761852.shtml>)

Nos dois quadros demonstra que a diferença é ainda bastante grande entre os alunos brancos e negros que concluíram o ensino médio e ensino superior. Mas mesmo assim a partir do empenho das instituições e ajuda governamental é possível construir novos paradigmas educacionais.

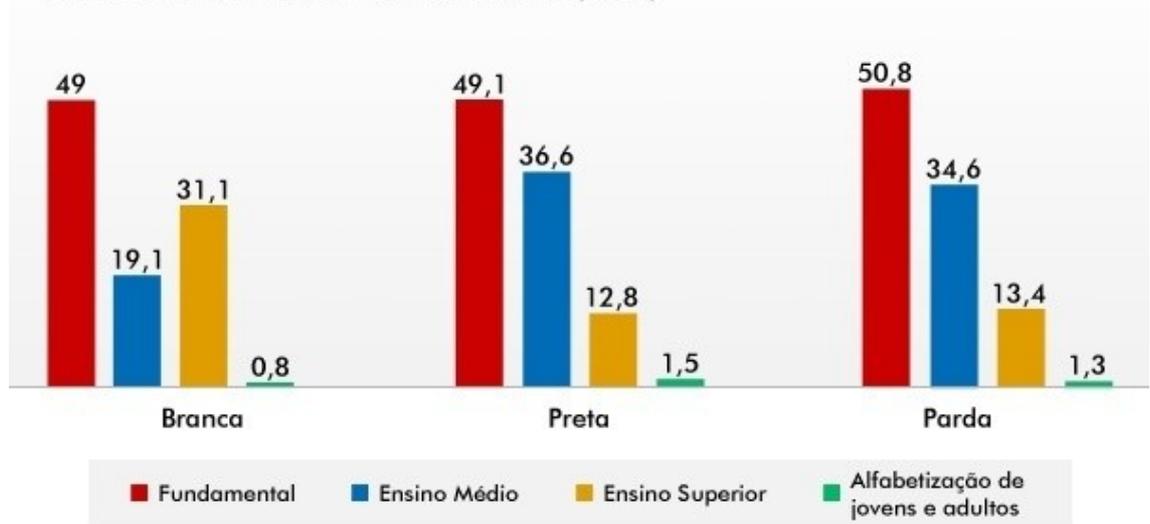
Todo sabe que para haver mudanças precisamos de educadores com autonomia contra as diversidades. Segundo os dados nos indicadores mostram que a uma elevação nos estudos de negros e pardos, que às contribuições significativas dentro do ambiente escolar.

Ensino superior

O Censo 2010 mostra que os brancos também dominam o ensino superior no país: considerando a faixa etária entre 15 e 24 anos, 31,1% da população branca frequentava a universidade. Em relação aos pardos e pretos, os índices são de 13,4% e 12,8%, respectivamente. (31,1% de Branco-Ensino Superior - 13,4% de Pardos – Ensino Superior - 12,8% de Negros – Ensino Superior).

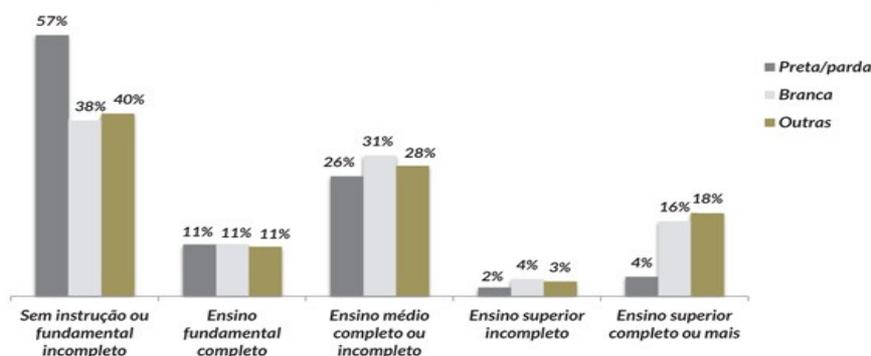
A pesquisa ainda observou diferenças relevantes na taxa de analfabetismo entre as categorias de cor e raça. Enquanto para o total da população a taxa de analfabetismo é de 9,6%, entre os brancos esse índice cai para 5,9%. Já entre pardos e pretos a taxa sobe para 13% e 14,4%, respectivamente. (Débora Melo do UOL, em São Paulo 29/06/2012)10h00.

Distribuição dos brasileiros de 15 a 24 anos de idade que frequentavam escola, por cor ou raça, segundo o nível de ensino (em %)



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Gráfico 6 - Distribuição por grau de escolaridade (2011)



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (PNAD 2011)

As dificuldades em pesquisar esse assunto são muito minuciosas, e contempla a realidade escolar, para isto temos que ter conhecimento, estudos teóricos e, além disso, buscar discussões que possam contribuir para esse assunto que transcorre em diferentes graus. Portanto minha dificuldade foi buscar materiais que fornecesse dados concretos.

Sei que tem a internet, porém livros foram poucos. Prá falar a verdade esse assunto me deixou constrangida por que o que falamos e escrevemos pode tornasse contra, não era esse tema que queria discorrer, mas talvez por achar mais fácil ,no qual me enganei,foi bastante difícil. Sei que todo processo de mudança exige tempo. Em relação a outros trabalhos não houve pontos positivos, apenas reforçar outros trabalhos existentes. Para

próximos trabalhos sugiro como pesquisa o tema “Não somos diferentes, somos todos iguais”. Essa vai ser de grande dificuldade, por que diferentes todos são e, mas na educação talvez, quem sabe?

Foi bastante gratificante fazer este trabalho, eu não tinha nenhum conhecimento profundo sobre as diversidades e as diferenças. Sabia que existia, pois convivemos a todo instante. Então a partir dessa pesquisa terei um olhar mais minucioso ao assunto.

Analisando os documentos oficiais, a proposta dos PCNs e o CBC /MG são boas, ambos demonstram a preocupação em acertar com sensibilidade, ensinamentos educativos necessários as ações escolares quanto às diferenças. Esses documentos não são para decidir entre o bom, ou melhor, a ser aplicada nas escolas, mas é para ajudá-la a escola a tomar uma possível direção acertada em conjunto com o seu PPP (Projeto Político Pedagógico) elaborado com a participação dos professores, aluno e a comunidade escolar para criar um diálogo onde podem chegar a um ponto de originalidade

Tabela de Grau de Escolaridade do IBGE

Grau de escolaridade	Branco	Negro	Pardo	Amarelo
Primário Incompleto	22,30%	37,40%	36,50%	14,30%
Primário Completo	25,10%	26,30%	23,10%	22,50%
Primeiro Grau Completo	17,30%	19%	19%	6,30%
Primeiro Grau Incompleto	10%	7,70%	7,50%	12%
Segundo Grau	16,10%	8,40%	11,60%	21,90%
Ensino Superior	9,20%	1,2%	2,30%	23%

Fonte: IBGE: 1989(SOUZA, MOTTA, 2002, p.44)

A tabela acima demonstra que negros e pardos não completaram estudos.

Olhar a realidade escolar

Segundo o CBC nosso olhar não é neutro. Quando olhamos para uma realidade, vemos, nesta realidade, elementos daquele real e, ao mesmo tempo, elementos “impressos” pelo nosso olhar. Nossa forma de olhar é decisiva na configuração do real, nossas expectativas e avaliações marcam o que vemos daquilo posto. Podemos dizer que constituímos o cenário pela nossa maneira de olhar. (CBC-Módulos Didáticos- Temáticas Especiais - Relações Étnico-Raciais

Com isso as inferências

Um dos exercícios interessantes de serem feitos na análise de realidades – neste nosso caso, das realidades escolares – consiste em vê-las com “olhar desnudo”. As realidades escolares nos são muito familiares. Desde cedo estamos imersos na vida escolar, quando, como alunos, aprendemos seus rituais, seus códigos e suas regras. Quase tudo nos parece familiar conhecido. E, exatamente pela proximidade e pela familiaridade, temos muita dificuldade em olhar a realidade escolar tornando-a nua, vendo nela aspectos que ficam despercebidos ou que, então, estão, por nós, naturalizados. Em outras palavras, a proximidade pode nos causar um tipo de impedimento de ver, porque tornamos naturais algumas e várias escolhas que são culturais.

Este é um convite, portanto, ao exercício do “Olhar distanciado”, de que nos falam os antropólogos. Olhemos para a escola investigando-a como instituição culturalmente construída, movida por escolhas e arbítrios. (CBC-Módulos Didáticos- Temáticas Especiais - Relações Étnico-Raciais)

Observe na escola em que você atua as configurações arquitetônicas, as disposições dos corpos, as localizações dos sujeitos, os rituais, a relação família-escola, a vinculação comunitária da escola, os saberes e conhecimentos eleitos em cada período, os agrupamentos, os jogos de poder, os silêncios. (CBC-Módulos Didáticos- Temáticas Especiais - Relações Étnico-Raciais)

Em cada um destes elementos há presença de escolhas. A escola, enfim, é uma instituição construída e movida por pessoas reais, que decidem, elegem, selecionam e priorizam aspectos constitutivos da vida escolar. (CBC-Módulos Didáticos- Temáticas Especiais - Relações Étnico-Raciais)

TABELA COMPARATIVA DE DADOS

CBC-Atitudes – Ensino Médio	PCNs –Ações –Ensino Fundamental
O ensino da História para o Ensino Médio, em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais e em uma perspectiva de educação histórica, tem como objetivo, além dos	As diferentes áreas contemplem os objetivos e os conteúdos (fatos, conceitos e princípios; procedimentos e valores; normas e atitudes) que os temas da convivência social propõem; • haja momentos em que as questões

<p>conteúdos e conceitos, o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes próprias do desenvolvimento do pensamento histórico e dos processos educativos em geral.</p>	<p>relativas aos temas sejam explicitamente trabalhadas e conteúdos de campos e origens diferentes sejam colocados na perspectiva de respondê-las.</p>
<p>Reconhecer e respeitar a diversidade étnico-cultural das sociedades.</p> <p>Atuar sobre os processos de construção da memória social, com base na diversidade étnico-cultural.</p> <p>Refletir sobre os seus valores individuais e os partilhados no grupo sócio-cultural de referência;</p> <p>Descobrir e reconhecer a existência de valores diferentes dos valores de seu grupo sócio cultural de referência.</p> <p>Negociar soluções coletivas para problemas comuns, propostos em sala de aula.</p> <p>Reconhecer o direito do outro de manifestar-se e apresentar suas idéias.</p>	<p>A inclusão dos temas implica a necessidade de um trabalho sistemático e contínuo no decorrer de toda a escolaridade, o que possibilitará um tratamento cada vez mais aprofundado das questões eleitas. Por exemplo, se é desejável que os alunos desenvolvam uma postura de respeito às diferenças, é fundamental que isso seja tratado desde o início da escolaridade e que continue sendo tratado cada vez com maiores possibilidades de reflexão, compreensão e autonomia. Muitas vezes essas questões são vistas como sendo da “natureza” dos alunos (eles são ou não são respeitosos), ou atribuídas ao fato de terem tido ou não essa educação em casa. Outras vezes são vistas como aprendizados possíveis somente quando jovens (maiores) ou quando adultos. Sabe-se, entretanto, que é um processo de aprendizagem que precisa de atenção durante toda a escolaridade e que a contribuição da educação escolar é de natureza complementar à familiar: não se excluem nem se dispensam mutuamente.</p>

(Fonte: PCN-Temas Transversais, p.28 e 29) – CBC – Livro de História (p.72 e 73)

As diversidade e pluralidade cultural sempre foram e será um assunto de grande complexidade, e, ainda no século XXI nota-se que ainda a muito por fazer, causa muita discussões e reflexões. Só me restam acreditar na veracidade dos documentos oficiais analisados e que na prática possa trazer estratégias bem sucedidas por partes dos educadores, instituições e a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da escola não é protagonizar apenas um ato de leitura e de escrita. Dialogar também sobre a diversidade significa assumir um protagonismo para promover o entendimento à sociedade sobre as diferenças culturais, sociais e políticas. A escola é um espaço democrático onde a todos devem respeitar e entender a natureza da diversidade que compõe a sociedade. Há séculos a sociedade vem de um passado de emudecimento em relação à diversidade no Brasil.

Nesse sentido, por exemplo, os PCN (1998) preocupam-se em estabelecer temas transversais para que, na prática, a escola, conforme seu contexto possa incluir nos seus currículos a diversidade. Esse tema, no currículo e na prática escolar, deve ter em vista a formação de alunos como cidadãos para decidir e se posicionar diante das decisões que precisam tomar para, assim, intervir na sociedade.

Essa discussão mostra que mudanças são necessárias: o papel do professor, do supervisor, da família e da sociedade também no sentido de que é preciso contribuir sobre para um maior entendimento sobre diversidade na escola e, por conseguinte, na sociedade. A escola não pode mudar a sociedade, mas, na construção de projetos pedagógicos pode direcionar para que a diversidade seja vista com naturalidade e na prática assumem princípios de democracia para promover um ambiente de transformação nas relações educativas e ensinar que a diversidade em sala de aula existe, mas que possa ajudar os alunos a posicionar e superar as diversidades.

Embora teóricos da educação saibam lidar com estas questões sobre a diversidade, com considerável produção de artigos acadêmicos; contudo, há uma distância considerável entre o que é discutido e prática diária em sala de aula. Nesse sentido, do ponto de vista da abordagem na escola, não há orientações de como lidar com preconceitos e a discriminação. Logo, todos os professores têm a sua frente o grande desafio de buscar respostas ao como debater a diversidade em sala de aula. Essa é uma questão prática que precisa ser respondida, no cotidiano tentar mostrar que as diferenças não sejam mais diferentes do que dos outros.

Portanto, a escola pode, por um lado, possibilitar a discussão de valores éticos e sociais que ampliam o conhecimento e abordam o processo da diversidade em sala de aula. A

escola precisa ter consciência e respeitar a diversidade cultural. Claro que a escola não ensina tudo e, sobretudo nem é possível. Contudo, pode oferecer condições para que os alunos façam essas articulações e a tenha uma visão ampla da sociedade. Essa dimensão educativa pode propiciar ao aluno o desenvolvimento de convivência e vivencie valores como solidariedade, democracia e permite o aprendizado de respeito ao outro e reconhecer as diferenças. Nesse sentido, o espaço escolar se mostra como o espaço ideal para intervir, sociabilizar e fazer o papel político e democrático na desmistificação das diversas origens dos alunos de forma a compartilhar as diferentes situações no dia-a-dia e discutir a diversidade em sala de aula como um assunto sempre atual.

Diante de fatos, é possível que faça um diagnóstico da realidade e propicie uma reflexão, que aponte caminhos para um convívio educativo para o entendimento das diferenças e superação das diversidades. As diferenças podem ser pensadas como um desafio para tornar natural a essa diversidade, deixando para lá o preconceito de cor, ou qualquer forma de diferenças. É importante que a instituição escola esteja preparada para assumir em trabalho conjunto para toda e qualquer forma de preconceitos.

No mundo atual esse assunto não deve fazer parte da instituição da escola e sim falar abertamente aos alunos sobre os desafios, a diferença seja fatos passados. A competência humana é capaz de intervir e mudar de maneira criativa toda e qualquer situação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação

Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.146p.1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Ética: Ensino de primeira à quarta série. I. Título. CDU: 371.214

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais, Pluralidade Culturas. *portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf*

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação fundamental. Parâmetros Curriculares nacionais, apresentação dos temas transversais e ética. V08, Brasília,DF:MEC/SEF,1997

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2008

FELDMANN, Marina Graziela- Organizadora-Formação de Professores e Escola na Contemporaneidade-MEC-FNDE-2010

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009

GOMES, Nilma Lino. ”Educação e Diversidade Étnico cultural”In:RAMOS,ADÃO,BARROS (coordenadores).Diversidade na Educação:Reflexões e experiências.Brasília:Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC,2003.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO (SEE) de Minas Gerais- Proposta Curricular de Minas Gerais: Módulos Didáticos- Temáticas Especiais – Relações Étnico Raciais- CBC (MINAS GERAIS,2005). Texto extraídos do site www.educacao.mg.gov.br